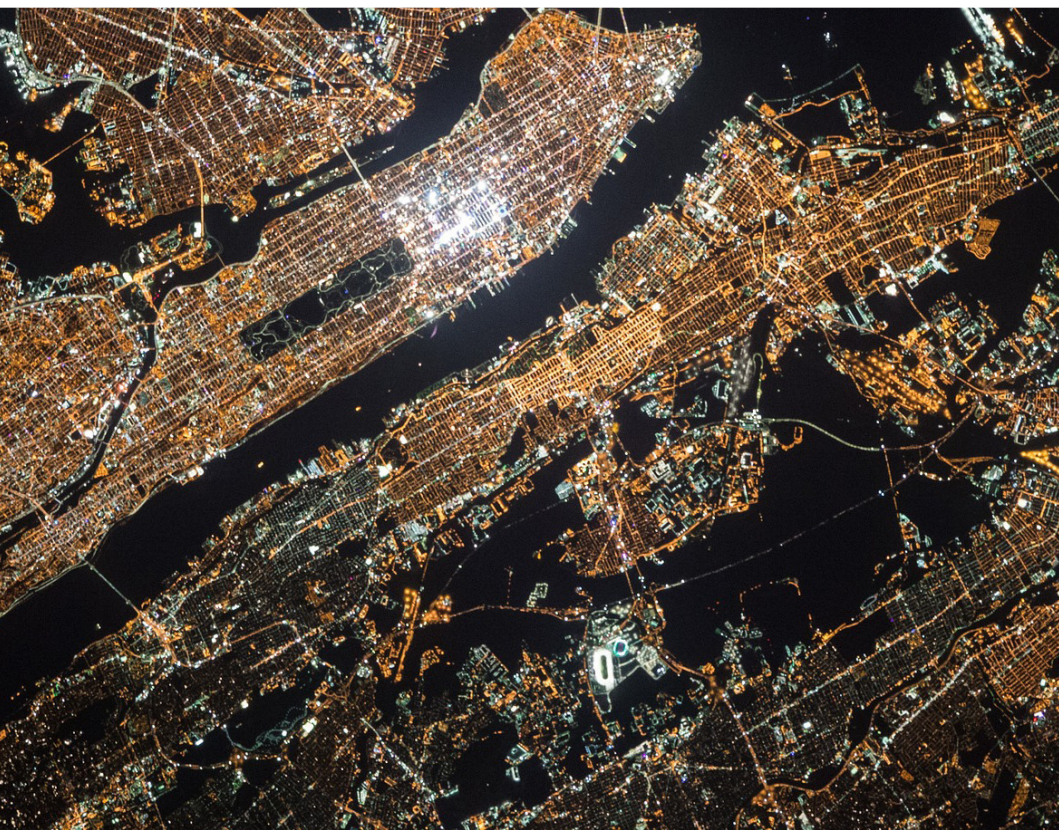


Cadernos **IHU***ideias*



JESUITAS BRASIL

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 321 • vol. 19 • 2021



DESBRAVAR O FUTURO

A antropotecnologia e os horizontes da hominização
a partir do pensamento de Peter Sloterdijk

Rodrigo Petronio



UNISINOS

Cadernos **IHU***ideias*

DESBRAVAR O FUTURO **A antropotecnologia e os horizontes da** **hominização a partir do pensamento de** **Peter Sloterdijk**

Rodrigo Petronio

Escritor, filósofo, professor titular da Faculdade de Comunicação da
Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP e pós-doutorado no Centro
de Tecnologias da Inteligência e Design Digital - TIDD/PUC-SP

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 19 • nº 321 • vol. 19 • 2021



Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIX – Nº 321 – V. 19 – 2021

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marlene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Nova York sob as lentes de um satélite. Pixabay

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil

DESBRAVAR O FUTURO
A ANTROPOTECNOLOGIA E OS HORIZONTES DA
HOMINIZAÇÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE
PETER SLOTERDIJK

Rodrigo Petronio

Escritor e filósofo, professor titular da Faculdade de Comunicação da
Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP e pós-doutorado no
Centro de Tecnologias da Inteligência e Design Digital - TIDD/PUC-SP

Neste texto Rodrigo Petronio retoma o pensamento de Peter Sloterdijk e sua compreensão em torno do que é o ser humano, tal como descreve o autor, “um animal enraizado em uma experiência predeterminada de excentricidade”.

Outra dimensão importante neste debate é a antropotécnica, que é desenvolvida ao longo de toda a sua obra. “No sentido antropológico, o homem não é apenas aquele que nega o meio pela técnica. É aquele que por meio da técnica também se nega a si mesmo como natureza, tornando-se plástico e apto a assumir novas fisionomias e habitar novas antropofanias”, propõe.

Toda esta reflexão converge para um dos temas mais centrais das sociedades contemporâneas, a saber: o esgotamento da modernidade e a falência de suas formas de vida a partir da fratura entre o que se chama natureza e cultura. “A partir de Sloterdijk talvez consigamos compreender que a falência do projeto moderno, entendido em termos unilaterais como uma teleologia da emancipação, bem como a ruína do humanismo, não foram necessariamente perdas. Elas podem se transformar no exercício

cotidiano e sereno daquela alegria trágica de que falava Nietzsche. E quem sabe sobre essa ruína possamos viver o futuro de uma promissora e poderosa liberdade”, ressalta Petronio.

Leia a entrevista.

IHU On-Line - Após as conferências que deram origem a Regras para o parque humano, Habermas critica Sloterdijk por retomar o discurso da eugenia em solo alemão. Isso não deixa de ser verdadeiro, ao se pensar em eugenia nos termos do homem que toma em suas mãos o rumo da evolução, mas as reminiscências do nazismo e sua “eugenia positiva” tergiversaram a discussão e levaram ao debate enviesado. Como você compreende esta polêmica? Como Sloterdijk reagiu a ela?

Rodrigo Petronio - Há um ramo específico da teoria eugênica. Trata-se daquele que foi gerado no âmbito anglo-saxão, se desenvolveu nos EUA, chegou à Alemanha e foi instrumentalizado politicamente pelo nazismo. Pois bem: a adoção dessa acepção para compreender o sentido de eugenia na conferência de Sloterdijk é um enorme equívoco. Um equívoco epistemológico, não ideológico. Essa acepção da eugenia tem suas origens no chamado darwinismo social e é uma apropriação amplificada da teoria darwiniana com fins políticos. Está para a obra de Darwin assim como uma série de interpretações livres socialistas e comunistas estão para Marx. Porém, essas premissas eugênicas não são de modo algum novas. Tampouco são exclusivas das doutrinas políticas biologizantes oriundas do século XIX. Enraizam-se em teorias que retroagem à Antiguidade. É essa genealogia mais ampla da eugenia, em sentido retrospectivo e prospectivo, que Sloterdijk promove na breve conferência que deu origem ao livro *Regras para o parque humano*. À medida que se concentra nessa acepção específica da teoria eugênica e a atribui a Sloterdijk, a crítica de Habermas é equivocada.

Em linhas gerais, *Regras para o parque humano* pode ser resumido em algumas teses centrais. O humanismo é resultado de tecnologias de domesticação, dentre as quais se destacam duas: a pedagogia e a escrita. O modelo psicagógico que a cultura letrada assumiu para educar a alma a partir do advento da escrita não foi vigente ao longo de toda a história do sapiens. Ele tem um ciclo temporal determinado, descrito com o surgimento da grande tecnologia de domesticação que é a escrita. O primado vitruviano da medida humana e do homem como medida de to-

das as coisas não é uma realidade eidética. É o resultado de uma sucessão de imagens do mundo organizada em torno do homem-centro. Essas imagens foram criadas pela possibilidade da relação a distância e pela translação das esferas-bolhas às esferas-globos, ou seja, pelo deslocamento da experiência das relações imediatas de convívio, intimidade e presença no mundo fático aos gigantescos envoltórios globais criados pelas narrativas metafísicas e pelas ontologias imperiais.

Por meio desse deslocamento, os impérios puderam capturar as diversas tribos e hordas, envolvendo-as na esfera global de seu poder mediante a ação domesticadora da escrita e da pedagogia. Enquanto a primeira uniformiza a percepção do mundo e reduz os espaços heterogêneos a dimensões homogêneas, a segunda planifica os valores e propaga a normatização da vida a partir de centros emissores de sentido. Dessa maneira, a escrita possibilitou o advento da noção mesma de universalidade, pois a escrita é um centro vazio de emissão de significados que torna homogêneo o espaço heterogêneo e desenraiza as tribos, os grupos, as hordas e os povos do mundo da vida [*Lebenswelt*]. Nesse sentido, a escrita também tornou possível a universalização dos valores e a criação de uma protoimagem universal do ser humano, de matizes arcanos. Por meio dela, desde as antigas mitologias mesopotâmicas, foi possível moldar um regime de perfectibilidade humana centrado na *imago*, seja a imagem de deuses teriomorfos ou de homens-deuses. A *dignitas* e a *humanitas* do ser humano como ente passível de universalização é uma das criações dos discursos sobre a cultura e o cultivo do ser humano mediante a escrita. Não por acaso a passagem do cosmológico ao antropológico, presente em Platão, guarda ainda uma agonística com relação ao papel positivo-negativo e de remédio-veneno [*phármakon*] da escrita. Estão radicalmente atreladas ao cultivo das letras e à alfabetização. Se história e escrita se recobrem, à medida que o século XX produziu em uma dimensão global a falência da tecnologia da escrita e também dos sistemas pedagógicos tradicionais, levada a cabo pelos *mass media*, pode-se dizer que nesse mesmo século ingressamos também em uma ordem pós-histórica.

Até este ponto, a tese central de Sloterdijk se assemelha à de outros pensadores da pós-história, como Flusser, Kojève e Fukuyama. Porém, a introdução original e provocativa da conferência está em seu segundo excursus, no qual o pensador desenvolve uma genealogia da eugenia ocidental a partir de Platão. Ao fazê-lo, articula-a à teoria da excentricidade ontológica humana, ou seja, à definição extática do ser humano presente na Carta sobre o humanismo de Heidegger. Como se sabe, o brilhante opúsculo de Heidegger instaura uma compreensão meta-humana do ser

humano, à medida que relaciona a humanidade do ser humano à condição excêntrica da consciência humana em relação à eclosão do ser. Apenas como ser-lançado o ser humano existe. Existência e impermanência [*ek-sistere*] são o mesmo. Por isso, o ser humano é o único ente que questiona sua própria existência. Ou seja: o ser humano apenas se torna humano à medida que se experimenta como ser fora-da-permanência e como um ser expulso da estabilidade da substância [*hypokeimenon*]. O sentido da apreensão da existência produz o êxodo do ser humano da cadeia entitativa e apenas nesse momento ele pode contemplar o aberto [*Offenheit*] e desvelar o ser. A humanidade do ser humano não é uma natureza-substância, mas uma abertura excêntrica à clareira do ser.

Nessa abertura se realiza a poderosa guinada do pensamento heideggeriano. A culminância da destruição fenomenológica de toda a história da filosofia iniciada em *Ser e Tempo*. O ponto mais sensível dessa guinada se dá na fratura do entendimento do mundo a partir das chaves metafísicas da totalidade-identidade que consistem em linhas gerais em uma espiral de analogias e semelhanças entre *ser* e *physis*. Essa fratura é chamada de diferença ontológica. Ela funda a analítica do *Dasein* do primeiro Heidegger e está no centro de irradiação de seu pensamento da segunda fase, posterior à reviravolta [*Khere*], notadamente na importância cada vez mais aguda concedida ao conceito de evento [*Ereignis*] e à subordinação não mais do ser ao tempo, mas do tempo ao ser. Em sua conferência, Sloterdijk fustiga aquilo que ficou oculto na meditação de Heidegger. Não pretende retomar o fio heideggeriano a partir do esquecimento do ser produzido pela técnica e pelo modo de pensar entitativo. Propõe que a revelação do problema do ser consiste em uma oclusão da centralidade da técnica como força antropológica de domesticação capaz de gerar a abertura mundana e a clareira da hominização. Se reduzirmos drasticamente e em forma de paráfrase a tese de Sloterdijk a partir de uma subversão de Heidegger, podemos resumi-la do seguinte modo: a técnica é a força antrópica que possibilitou a abertura da clareira hominizadora no interior da qual a pergunta pelo ser pôde ser realizada. Nesse sentido, é importante compreender o *Regras para o parque humano* no conjunto da obra sloterdijkiana e especialmente em ressonância direta com uma obra específica que lhe é complementar: *A domesticação do ser: elucidação da clareira*.

Nesta mesma mencionada conferência, Sloterdijk também recorre a Platão para delinear algumas crenças desenvolvidas no Ocidente sobre um conceito matriz para a história do pensamento, analisado também em uma bela obra do filósofo australiano John Passmore: o conceito de perfectibilidade. No diálogo Político, Platão concebe uma teoria da seleção

dos mais aptos, ou seja, daqueles fisicamente mais capacitados para comandar a *polis*. Obviamente, Platão não usa o termo eugenia. Entretanto, pensa em termos rigorosamente bioeugênicos. Além das aptidões éticas e noéticas, as virtudes físicas também são contempladas nessa clivagem em direção ao poder. Um estadista precisa ter todas essas premissas para que possa desempenhar o papel de estadista.

Essa concepção, ao contrário do que se pensa, não é uma exceção, nem no mundo antigo nem nas sociedades medievais ou modernas. Se não compreendermos essa dimensão dura que o sentido da política assume na Antiguidade, tampouco conseguiremos compreender a possibilidade de conciliação entre democracia e escravidão que ocorreu entre os gregos do período helênico ou mesmo a conciliação produtiva entre liberalismo mercantil, eugenia e economia escravagista que dominou toda a expansão transatlântica durante diversos séculos da modernidade, desde a Renascença. Todas as teorias sobre as origens das raças, desde o século XVII, buscavam sua fundamentação na Bíblia e em Aristóteles para demonstrar que o negro, como os animais, era desprovido de alma. Faço essa divagação, que não está propriamente no *Regras para o parque humano*, apenas para sinalizar o campo mais amplo no qual Sloterdijk está se movendo. E para enfatizar que a determinação de eugenia no sentido biopolítico não é um patrimônio do nazismo ou dos gulags soviéticos, que também tiveram projetos eugênicos e genocídio.

A hipótese de Sloterdijk é a de que, em um sentido macroestrutural, a eugenia não foi uma invenção hitlerista e nem teve seu ciclo de produtividade encerrado. Ela se encontra em plena expansão por meio da biotecnologia e pelas clivagens biopolíticas produzidas a partir da reticulação planetária promovida pela sociedade de consumo e pela universalização do capital. A eugenia não se reduz aos meios pelos quais o Estado, totalitário ou democrático, isso pouco importa, captura a vida. E aqui penso também na vida nua do *homo sacer* de Giorgio Agamben. A eugenia se realiza também com a ampliação do campo de consumo de bens biológicos, como cirurgias plásticas, sequenciamento genético, reprodução in vitro e todas as replicações de tecidos orgânicos para fins que não estejam ligados à sobrevivência. Ou seja: a eugenia é uma das possibilidades contidas em todas as tecnologias autógenas e antropogênicas por meio das quais a vida se produz a si mesma. É nesse sentido que a tese de Sloterdijk é a de que vivemos hoje uma universalização e uma democratização da eugenia. Por isso, em suas acepções históricas mais pontuais e mesmo em suas correntes mais amplas, é preciso compreender a fenomenologia das teorias eugênicas no âmbito de um conceito central no pensamento de Sloterdijk: a antropotécnica.

A antropológica é nuclear em toda sua obra. No sentido antropológico, o homem não é apenas aquele que nega o meio pela técnica. É aquele que por meio da técnica também se nega a si mesmo como natureza, tornando-se plástico e apto a assumir novas fisionomias e habitar novas antropofanias. Para cunhar o termo de Michel Serres citado por Sloterdijk: novas hominidades. A antropológica atravessa a trilogia Esferas [Bolhas, Globos, Espumas]. É notadamente desenvolvida no terceiro volume, e visível em outras obras e conferências, tais como *Tu deves mudar tua vida*, *No mesmo barco*, *Estranhamento do mundo*, *Palácio de cristal*, *A natureza por fazer* e no capítulo final da *Crítica da razão cínica*, onde Sloterdijk analisa a emergência de conceitos e imagens maquínicas na arte, na literatura e na *intelligentsia* alemãs da República de Weimar, ou seja, na gestação do ovo da serpente do nazismo, para usar a metáfora concebida pelo brilhante Ingmar Bergman em seu filme sobre o tema.

Finalizando a questão da polêmica Habermas-Sloterdijk, entendo o poder que a simples menção à eugenia exerce sobre a história recente alemã. Contudo, a crítica de Habermas, no contexto da conferência a que você se referiu, é totalmente descontextualizada. A partir de uma análise da autogênese humana e da antropológica, nessa conferência e em diversas outras obras, Sloterdijk assina o atestado de óbito do humanismo. Habermas isolou totalmente o sentido mais amplo dessa abordagem e amplificou o sentido específico da aceitação eugênica nazista, que sequer é uma aceitação relevante na conferência de Sloterdijk proferida em Elmau. Não por acaso, diversos intelectuais acorreram em defesa de Sloterdijk contra as acusações de Habermas, entre eles Bruno Latour, autor confessadamente influenciado por Sloterdijk e, sob meu ponto de vista, um dos pensadores mais brilhantes em atividade hoje no mundo. Para mim, passados quinze anos, o que fica da polêmica, por estranho que pareça, não são os eventuais equívocos ou excessos da análise sloterdijkiana, que de fato podem existir. Ficam os limites da teoria da ação comunicativa de Habermas e sua defasagem crescente em relação aos caminhos que o mundo vem assumindo.

IHU On-Line – Ainda pensando em Habermas, em O futuro da natureza humana o pensador critica o que chama de eugenia liberal, questionando os prejuízos que o uso da biotecnologia implicaria na autocompreensão normativa da espécie humana. Críticos, no entanto, alegam que o frankfurtiano ainda estaria considerando uma “natureza humana” imutável. Em que consiste esta eugenia liberal, orientada pelo mercado? Você concorda com esta crítica?

Rodrigo Petronio - Muito boa pergunta. O problema nesse caso é que para Habermas essa autocompreensão normativa se baseia no modelo do *Esclarecimento*. E o devir da espécie humana e a determinação do sapiens não começou há trezentos anos em Paris ou em Jena, mas há 60 mil anos, nas savanas africanas. Isso evidencia um fato: a pragmática transcendental de Habermas é mais transcendental do que pragmática. A racionalidade não pode ser um imperativo – deve ser o resultado de processos descontínuos sempre contingentes. Mesmo Hegel, o maior pensador da racionalidade na história, entendia que o conceito só se realiza ao anoitecer. É um ocaso, não um início. Habermas parte de um idealismo linguístico e de uma premissa questionável de possibilidade de simetria nos processos comunicativos. Nesse sentido, parece imaginar o desdobramento do mundo da vida [*Lebenswelt*] como uma assembleia de senhores dialogando ao redor de uma mesa e não como a guerrilha cínica universal de redes e a reticulação planetária de pactos provisórios envolvendo poder, dinheiro, desejo e técnica. Não é de surpreender que um pensador excêntrico e provocativo como Sloterdijk, que se propõe começar a reflexão justamente no ponto onde o pensamento parecia interdito, possa causar escândalo aos conservadores.

A propósito, à guisa de parêntese ideológico, a definição de conservadorismo político em Sloterdijk não recobre os binômios esquerda-direita. Conservadores são todos aqueles que articulam racionalidade, negatividade e melancolia. Sloterdijk é um pensador da potência e do desdobramento da potência contra o ressentimento, não das concepções pauperistas ou miserabilistas, em suas variantes de carência e privação. Desse ponto de vista, da tradição conservadora britânica aos neoconservadores norte-americanos, da dialética negativa de Theodor Adorno à ontologia da carência de Arnold Gehlen, para Sloterdijk todo pensador que se ocupa da negatividade ontológica ou que fundamenta uma antropologia pessimista é conservador. Nesses termos, o conservadorismo é o arco que vai da razão negativa de Sócrates à dialética negativa de Adorno. Nasceu em Atenas e morreu em Frankfurt. Em sua crítica a Sloterdijk, Habermas torna visível sua posição conservadora, na acepção técnica do termo, não em seu senso-comum. Demonstra não ter assimilado a modernização como uma vitória esmagadora da liberdade sobre a necessidade, ou seja, como o desdobramento antropológico de uma ontologia da potência. Essa ontologia foi ampla e profundamente compreendida em todas as suas dimensões, ambivalências e implicações por correntes e pensadores tão distintos quanto o cinismo antigo [*kynismus*], os gnósti-

cos, Scotus Erígena, Duns Scott, Espinosa, Stirner, Nietzsche, Heidegger, Bachelard, Bergson, Foucault, Deleuze e o próprio Sloterdijk.

Por outro lado, sempre que falamos em natureza humana, é preciso chamar ao diálogo as ciências duras para compreendermos de fato o que vem a ser essa noção. Aliás, no mundo contemporâneo, se a filosofia não dialogar com as ciências duras ao abordar invariáveis antropológicas de longa duração, e continuar apostando todas suas fichas em modelos dedutivos, correrá o risco de deixar de ser filosofia e se transformar em uma curiosa variante de teologia dialética. Em diversas áreas, da teoria cognitiva à biologia, da teoria neodarwiniana da mente à etologia, muitos pensadores têm apontado para um horizonte comum: a superação da dicotomia clássica entre construtivismo e naturalismo. Ambas abordagens seriam insuficientes. Mais do que isso: a própria polarização entre esses dois modelos de compreensão da natureza humana seria equivocada.

Um exemplo dessa tentativa de superação dicotômica é desenvolvido por Ilya Prigogine e Isabelle Stengers em *A nova aliança*. Outra síntese importante para esse debate é o conceito de tábula rasa de Steven Pinker, desenvolvido na obra homônima e retomada na monumental *Os anjos bons da nossa natureza*. Ao contrário do que imaginamos, esse conceito não significa que sejamos uma folha em branco preenchida pela experiência e pelo meio ambiente. O que ele significa é que há nos seres humanos uma dupla natureza, atual e virtual. Caso alguns estímulos externos do meio ambiente desapareçam com o tempo, a nossa natureza herdada tende a se retrair até uma completa virtualização, ou seja, até atingir um ponto de retração que é como se essa característica natural não existisse.

Acredito que a esferologia desenvolvida por Sloterdijk em seu opus magnum em três volumes sinalize exatamente para essa natureza humana dúplice. Como ontologia da díade, a esfera é um campo de animação e de ressonâncias, uma região de intervalo entre interior e exterior. Esse é o ponto sensível em que se nota também o diálogo de Sloterdijk com a psicanálise, sobretudo com o conceito de espaço transicional de Winnicott, com autores das escolas inglesa e francesa (Françoise Dolto, Alfred Tomatis, Gregory Bateson) e dissidentes da escola freudiana (Otto Rank). Mais do que isso, onde se demonstra o desmonte da psicanálise que Sloterdijk promove desde seu romance filosófico *A árvore mágica*, que recua a origem da psicanálise ao mesmerismo e às práticas magnetopáticas do século XVIII, até a sua abordagem em *Esferas*, sobretudo em *Bolhas [Esferas-I]*, e está presente também no conceito de psicopolítica desenvolvido em *Ira e tempo*.

A partir dessa análise de extração diádica, toda vida existe e apenas existe em uma região indecível e em um âmbito radicalmente relacional. No princípio não era a unidade. No princípio era a díade. Essa ontologia relacional na qual se baseia a teoria das esferas transforma o próprio mundo circundante e todos os seres em prolongamentos e extensões artificiais da manifestação da vida na Terra. É desse modo que a técnica se projeta fenômeno nuclear para Sloterdijk, como mencionei. Em certo sentido, os próprios processos naturais são eles mesmos desdobramentos técnicos, pois muitas vezes não há uma cesura identificável entre *physis* e *techné*. Ser humano é transformar o puro exterior em interior. É domesticar o grande *Exterior*.

Em outras palavras, a humanidade do ser humano é uma clareira aberta pela emergência antrópica da técnica. Apenas mediante essa compreensão conseguiremos superar a falsa dualidade natureza-cultura. Essa dualidade está na raiz de protologias (narrativas das origens) e escatologias (narrativas do fim). Ambas desenhavam paraísos ou infernos mediante a perda ou a redenção da natureza pela humanidade e a perda ou a redenção da humanidade pela técnica, sem compreenderem que no limiar do século XXI essa taxonomia perdeu totalmente o sentido. A tese central de Espumas [Esferas-III] é justamente propor um fundamento metabiológico para os padrões artificiais que metabolizam todas as construções humanas a que chamamos civilização ou cultura, e que se encontram também nas miragens a que denominamos natureza. Acredito que Sloterdijk, ao lado de outros pensadores, seja um autor nuclear para a criação de um novo vocabulário para esse horizonte antropológico ainda sem nome que se desdobra à nossa frente. Quanto à eugenia liberal, acho que sinalizei diversos pontos na resposta anterior.

IHU On-Line – Quando ocorreu a controvérsia entre os filósofos, a bioengenharia e a biologia sintética ainda podiam ser apenas vislumbradas, mas hoje já são uma realidade. A visão de Sloterdijk mudou sobre o assunto desde a publicação de Regras para o parque humano?

Rodrigo Petronio - Não sinto que tenha mudado muito desde então, porque em maior ou menor grau essas preocupações sempre estiveram presentes no pensamento de Sloterdijk, desde muito antes da mencionada polêmica. Como disse anteriormente, a biotecnologia é apenas uma face de uma questão mais ampla que atravessa quase toda a sua obra: a questão da técnica e, mais especificamente, a questão da antropotécnica. Todo pensamento de Sloterdijk se organiza a partir de uma fenomenolo-

gia das formas e em torno da gênese das formas em espaços animados de sentido. A própria divisa que resume o seu projeto pode ser sintetizada em uma máxima de sua autoria: a vida é forma. A esferologia é uma morfologia que apreende a eterna oscilação entre a vida das formas e as formas de vida. A técnica é apenas o ponto mais agudo do desdobramento da vida como forma, ou seja, como organização material dos meios e modos espaciotemporais pelos quais a vida se desdobra, se produz e se reproduz a si mesma em sistemas autopoieticos.

O que fora sinalizado na conferência de 1999 acaba encontrando um enorme aprofundamento na publicação dos três volumes da trilogia Esferas, ao longo dos anos 2000. Esse aprofundamento ocorre sobretudo em Espumas [Esferas-III]. Espumas trata do êxodo do ser humano em direção ao puro exterior, representado pelos paradigmas mecanicistas e pelas cosmologias inorgânicas, dominantes como modelos descritivos nas ciências e na produção de conhecimento desde o século XVII. Pela primeira vez na história o ser humano se depara com um universo que não é mais um organismo vivo ou animado pelos deuses ou por Deus. Com a morte de Deus, segundo Sloterdijk, ocorre a falência do maior sistema imunológico da história humana. O processo técnico é o meio pelo qual a odisseia da espécie continua a elaborar a morte do sistema-Deus e continua a se imunizar por meios artificiais, mediante a implantação de envoltórios metabiológicos de proteção. Esse processo se assemelha àquilo que Norbert Elias define como a criação de uma segunda natureza. Sloterdijk o chama de processo de explicitação.

Aquilo que estava oculto ou virtualmente inscrito na *physis* como possibilidade passa a ser explicitado e atualizado com a modernidade. Em razão da sua magnitude, paradoxalmente, essa mesma explicitação que imuniza o ser humano contra a hostilidade do exterior, ao mesmo tempo o eviscera constantemente de sua própria natureza, arrojando-o excentricamente para fora de si mesmo. Em última instância, a explicitação desestabiliza elementos que foram estabilizados ao longo de séculos como constitutivos de uma natureza humana. A técnica é o meio coextensivo por meio do qual a natureza humana se realiza e produz sistemas de imunização em um mundo sem Deus. O amplo espectro dessa explicitação, descrito no terceiro volume, recobre alguns pontos importantes para compreendermos como seu pensamento radical sobre a técnica equaciona antropotécnica e modernidade dentro do devir milenar do *antropos*. Uma das imagens mais belas dessa reflexão se encontra justamente em Espumas [Esferas-III], no longo capítulo dedicado à insularidade e à teoria das ilhas. A ilha não é apenas fim, limite, morte, ocaso. A ilha é o meio pelo qual a vida retorna a si e recomeça em outro sentido. A ilha é uma

forma de gênese. A partir dessa imagem, colhida em linhas memoráveis de Gilles Deleuze, Sloterdijk realiza a topoanálise (apreensão fenomenológica de espaços vitais, na acepção de Gaston Bachelard) de algumas naturezas de ilhas, desde as ilhas absolutas, como as nave e estações espaciais, às ilhas entendidas como associações humanas arcaicas e como protossociedades pré-históricas.

O paradigma da metabiologia e a abordagem sistêmica, presentes em Niklas Luhmann, bem como a teoria das associações, de Gabriel Tarde, são bastante importantes para seu pensamento, pois a partir dessas premissas Sloterdijk passa a conceber esses espaços vitais e animados como multiplicidades de formas cujas matrizes são orgânicas. Entretanto, nesse ponto entra o que você mencionou sobre a biologia sintética e sobre outras concepções de vida que têm se desenvolvido nas últimas décadas. Como eu disse, essas concepções em linhas gerais têm sinalizado para uma superação da dicotomia natureza-cultura. Portanto, para uma superação dos modelos representacionais e conscienciológicos da filosofia clássica, ainda bastante presentes em diversos autores do século XX.

O pensamento de Sloterdijk pode ser definido em seu sentido global como uma teoria geral dos *meios*. Como uma teoria do êxodo e da vinda ao mundo. As microesferas de relações fortes de intimidade são estabelecidas pelos fetos no ventre materno. Com o nascimento, o humano se encaminha para a criação de espaços animados pela presença de um puro interior, e cuja fenomenologia é descrita em Bolhas [Esferas-I]. Contudo, as esferas-bolhas dessas relações fortes de intimidade não podem esmorecer. Precisam permanecer vivas ao longo do desenvolvimento humano à superfície fria da Terra e aos olhos de um cosmos cada vez mais indiferente. Por isso, a translação dessa experiência genesiaca de puro interior produz os sistemas metafísicos, as políticas imperiais de captura e de inclusão das diferenças no seio de regimes de identidade. O puro interior também se manifesta por meio das narrativas das religiões de salvação e das ontologias clássicas. Esse processo de transferência, iniciado com a catástrofe esferológica das bolhas, é descrito em Globos [Esferas-II]. Com a falência dos sistemas globais de imunidade e com a morte de Deus, tem início uma nova jornada: o animal humano adentra a pluriesfera movediça e descentrada e o infinito processo de explicitação a que convencionalmente chamamos de modernidade, cujo corolário é Espumas [Esferas-III]. Em todos esses casos, o humano está sempre se defrontando com a necessidade de domesticar o grande Exterior. É por isso que a construção de ambientes e sistemas metabólicos atravessa toda a produção do *homo sapiens*. É por isso que essas construções recebem o nome de *esferas*. Toda esfera é um meio, no sentido forte desse termo, ou seja,

não apenas um meio-instrumento que conecta duas unidades. Um meio entendido como a própria estrutura relacional do mundo. Do ponto de vista da esferologia, o dois é anterior ao um. O modo de ser da relação é mais originário do que a relação de anterioridade ou posterioridade estabelecida entre substâncias, predicados e propriedades, como se postulou durante muito tempo nos termos da metafísica clássica.

Acredito que uma contribuição valiosa de Sloterdijk e de outros grandes pensadores contemporâneos consista em uma nova nomenclatura para a definição da vida. E na possibilidade de apreender a vida a partir de sua radical estrutura relacional. À medida que os meios não são meros instrumentos e a técnica é entendida como uma forma conatural ao desdobramento antropológico do *sapiens*, um vasto campo de pesquisa se abre para a redefinição de algumas matrizes do pensamento, tais como vida, alma, técnica, substância, relação, comunidade, entre outros. E nesse sentido entram as novas categorias de vida sintética ou relativas à articulação profunda entre sistemas naturais e artificiais. Espero que minha pesquisa sobre a obra de Sloterdijk e sobre outros autores contemporâneos possa fornecer algumas pequenas contribuições nesse sentido.

IHU On-Line – De que modo a visão de Sloterdijk, manifestada especialmente no vocativo de Tu debes mudar tua vida, vai de encontro às formulações do além-do-homem [Übermensch] de Nietzsche? E em que outros aspectos o filósofo do século XIX inspira esse pensador alemão?

Rodrigo Petronio - Sloterdijk mobiliza tradições, textos, filósofos, artistas e pensadores de tempos e espaços bastante heterogêneos. Atualiza em suas obras centenas de autores do pensamento antigo, moderno e contemporâneo, articulados em rede, difíceis de ser enumerados. Além disso, dialoga com diversas ciências e saberes, entre eles a biologia, a politologia, a psicologia, a medicina, entre outros. Como você bem apontou, Nietzsche é um dos pensadores centrais para Sloterdijk, a ponto de alguns comentadores o definirem como um pensador nietzschiano. Entre a assimilação ruidosa e o embate produtivo, Nietzsche está disperso por toda sua obra. Além disso, o pensador de Karlsruhe dedicou algumas obras e conferências específicas ao criador de Zaratustra: *O quinto evangelho* e *O pensador no palco*. Outras obras são animadas por temas nitidamente nietzschianos: o fim da grande política, a pós-história, ontologia da potência, transvaloração, além-do-homem, morte de Deus, religiões seculares, crítica da modernidade unidimensional, crítica dos valores, análise das religiões, o cinismo, o fenômeno do ressentimento, a des-

construção da filosofia, a mitologia e a filosofia do mito, entre outros temas. Acredito que possamos alinhar alguns pensadores, matrizes de pensamento e correntes de ideias que formam a espinha dorsal da obra de Sloterdijk.

Em primeiro lugar, há os autores e linhas de pensamento recorrentes, que formam uma espécie de fundamentação de sua obra. Chamo-os de autores-matrizes ou de correntes-matrizes de Sloterdijk, apoiado no conceito de autor-matriz desenvolvido por João Cezar de Castro Rocha. Dentre eles estão cínicos, gnósticos, Hegel, Nietzsche, Heidegger, Luhmann, Bachelard, Spengler, Tarde, Schmitt, Blumenberg, Deleuze, Uexküll, Foucault, dentre outros. Em segundo lugar, e como fio condutor que os conecta entre si, há o cruzamento de dois métodos: a fenomenologia e o ceticismo. Por mais distantes que sejam, eles se encontram por meio de um conceito comum: a suspensão [*epoché*]. Em terceiro lugar, há quatro saberes de destaque que se entrecruzam: a psicanálise, a antropologia, a cibernética e a teoria da informação. Em quarto lugar, há a incorporação e o diálogo extremamente importante que ele realiza com as artes e a literatura. Por isso, a presença constante de imagens, desde *Crítica da razão cínica*, publicada em 1983 e sua primeira grande obra. As artes visuais e a literatura recebem estatuto epistemológico não distinto das chamadas ciências ou saberes. Elas têm uma relevância igual ou às vezes maior do que os autores citados. Em quinto lugar: a presença de obras, conceitos e autores de diversas ciências, da etologia e da biologia à astronáutica e à politologia, da cibernética e da teoria dos sistemas à arqueologia e à paleontologia. Em sexto lugar, agregaria a importância de matrizes religiosas e vias de espiritualidade, presentes no espírito de Sloterdijk desde quando ainda jovem morou por dois anos na Índia. Estas últimas correntes-matrizes percorrem diversas de suas obras. Manifestam-se nas análises excelentes dedicadas ao pensamento gnóstico, como *Estranhamento do mundo* e *A revolução global da alma*, passam por sua fenomenologia das religiões abraâmicas em *A loucura de Deus*, surgem como forças estruturantes em sua fenomenologia da ira e do reconhecimento [*thymos*] em *Ira e tempo* e chegam a uma de suas obras mais recentes, *Tu debes mudar tua vida*.

Antes que o leitor leia incrédulo esses seis tópicos e imagine (com certa razão) que, a despeito de parecer um vasto erudito, Sloterdijk provavelmente não passe de um charlatão, é preciso esclarecer um ponto nuclear que diz respeito a todos esses tópicos e ao modo de organização geral de seu pensamento: ele não é analítico, mas *sintético*. O modo pelo qual Sloterdijk articula essa movência de conceitos, autores, imagens, obras e métodos se apoia em um recurso semelhante àquele que Husserl

chama de síntese passiva e àquela figura que Deleuze define como campo de imanência. O modo pelo qual os conceitos são agenciados não é o modo demonstrativo do racionalismo clássico, nem o modo analítico das filosofias representacionais e dedutivas ou dos positivismos lógicos. Está ainda mais distante do *mos geometricus spinozista* ou *cartesiano*.

A sua obra se organiza como uma escritura, no sentido de Jacques Derrida, autor ao qual Sloterdijk não por acaso dedicou o livro-conferência Derrida, um egípcio, no qual postula justamente o chamado problema da pirâmide judaica, ou seja, a origem da *différance* e a emergência do conceito de escritura a partir da análise que Freud faz do monoteísmo como fenômeno de deslocamento suplementar e recalque simbólico, quando do êxodo dos judeus do Egito. No caso de Sloterdijk, essa escritura se desdobra em forma de rede ou como um rizoma, se quisermos pensar mais uma vez com Deleuze. Nesse sentido, essa miríade de autores, obras e conceitos agenciados ao longo de suas páginas não disputam entre si a primazia de um modelo demonstrativo de cada um dos saberes e ciências a que pertencem. Justamente por isso, trata-se de uma obra filosófica, ou seja, de uma investigação metateórica sobre a condição de possibilidade dos conceitos, e não de uma comprovação empírica da validade desses mesmos conceitos em seus diversos campos de aplicação e em suas ontologias regionais. Ela ousa trabalhar justamente na intersecção desses diversos campos de imanência e desfiar os seus conceitos-matriz como romances vivos, em direção às aberturas que se produzem no interior do próprio processo do pensamento.

Nesse sentido, partindo de um postulado nuclear, poder-se-ia dizer do axioma central de sua obra, arrisco formular a seguinte definição: a obra de Sloterdijk é uma *ontologia relacional* em que forma e pensamento se encontram indissociavelmente ligados e se materializam na escritura. E isso ocorre porque, como pensador da forma excêntrica, realiza a excentricidade da forma na materialidade mesma de sua escrita, em seu majestoso ensaísmo, com o qual chegou a ganhar o prêmio Ernst Robert Curtius de literatura na categoria ensaio. Por outro lado, ao agenciar esses autores e saberes, não postula as suas respectivas unidades transcendentais-representacionais, concebidas em termos analíticos. Pelo contrário, desconstrói e descostura mesmo a unidade desses saberes. Ao fazê-lo, sua obra se apresenta ela mesma como um dos modos de explicitação da mesma modernidade que ela define como *continuum* explicitador. E, ao mesmo tempo, demonstra um dado extremamente importante: o caráter ficcional de toda teoria. Em razão dessa abordagem, podemos aproximar o pensamento de Sloterdijk de um belo conceito de Jean-Luc Nancy: a ontologia narrativa.

Como ontologia, seu pensamento descreve processos reais e sistemas mediadores desdobrados no mundo como esferas. Porém, como forma e escritura, demonstra também que todas essas esferas reais e conceituais são ficções mais ou menos eficazes, conforme o campo de realidades que elas desdobram e a potência do imaginário que elas mobilizam. Nesse sentido, a obra de Sloterdijk, especialmente a *esferologia*, pode ser entendida como uma gigantesca filosofia da ficção. Se as formas da vida e do mundo se organizam como esferas e se o mundo é tudo o que é o caso, como queria Wittgenstein, as esferas também são narrativas, fora das quais não há mundo ou vida alguma acessível ou concebível, seja em termos formais ou empíricos. Tendo em vista esse *modus dicendi* que se reconverte sistematicamente em *modus vivendi*, essa vida-escrita que é uma escrita viva entendida como mundo-escritura, Sloterdijk chega a uma luminosa e inesperada coerência. Ela consiste em uma aguda desproporção na proporção e em uma simetria na absoluta assimetria. Torna a incomensurabilidade do mundo, mais agudo produto da explicitação infinita, em uma unidade formal-vital relativamente comensurável: as esferas. Se a teoria das esferas é uma teoria que suspende a dicotomia exterior-interior, o modo pelo qual o pensamento se desdobra tampouco pode se basear em modelos representacionais fundados sobre os paradigmas alternativos presentes em binômios como sujeito-objeto, *res cogitans* ou *res extensa*, empirismo ou transcendentalismo.

Nesse sentido, pensamento e linguagem são um mesmo corpo criativo. Descrevem imagens-conceitos metaempíricos. Ambos seguem sua deriva pelos interstícios, meios e intersecções do real. Porque, afinal, do ponto de vista relacional e esferológico, a única realidade existente é a realidade da relação. Como ontologia das relações, o pensamento-linguagem de Sloterdijk só poderia habitar as regiões de intervalo e espaços de indecidibilidade pós-metafísica, na acepção de Derrida. Sendo uma teia dos meios, em sua condição de escritura e de ontologia narrativa, a *esferologia* consegue se constituir como canal de mediação de si mesmo. Torna-se assim a grande Mediadora das demais imagens-conceitos que mobiliza em si para descrever fenômenos de animação e espaços vitais de convivência.

IHU On-Line – Em que consiste o pós-humano de Peter Sloterdijk? Como ele se relaciona com o pensamento de Heidegger (que, segundo ele, inaugura o pensamento pós ou transumanista)?

Rodrigo Petronio - Creio que haja uma articulação entre Nietzsche e Heidegger no pensamento de Sloterdijk, ambos autores-matrizes do

pensador. Aliás, ele mesmo chegou a declarar que essa articulação assumiu um papel de destaque em seu projeto filosófico nos últimos anos. Em primeiro lugar, inspirado em Nietzsche e na antropologia, Sloterdijk retira a centralidade da filosofia e passa a pensá-la como resultado de um longo processo de domesticação e sedentarismo. A filosofia não é um modo privilegiado de compreender o homem. Ela é apenas uma das tantas tecnologias de domesticação desenvolvida pelo *antropos*, cuja finalidade é incorporar o não-próprio ao próprio, o não-sentido ao sentido, o exterior ao interior. Em outras palavras: *criar sistemas de imunização*. Nisso consiste a odisseia antropoesferológica da espécie. As esferas narram essa jornada, em um *continuum* que descreve sistematicamente as diversas concepções que o ser humano tem de si mesmo. As esferas não se ocupam apenas da emergência do *sapiens* na cena mundana em termos biológicos. Elas consistem em uma incessante autocompreensão e auto-apreensão da estrutura ontológica paradoxal do *antropos*.

Nesses termos, Heidegger é sem dúvida um dos autores-matrizes de Sloterdijk. O pensador de Karlsruhe o cita reiteradamente, ora incorporando-o ora em um embate crítico que chega aos limites da polêmica. Dedicou-lhe um livro, *Sem salvação*, no qual reuniu ensaios e conferências exclusivamente dedicadas ao pensador da *Floresta Negra*. Em razão dessa importância, é interessante analisar os deslocamentos que Sloterdijk promove na obra heideggeriana. Por meio de uma lente antropológica, Sloterdijk desloca o acento heideggeriano do ser-aí [*Dasein*] para o ser-com [*Mitsein*]. Assim, a partir de uma ontologia da diáde, desvela a estrutura fundamental dos seres humanos: criaturas extáticas sobre as quais opera o Exterior. A humanidade do ser humano consiste justamente nos infinitos media diádicos imunológicos eficazes que o *antropos* criou, cria e criará para conseguir se preservar da ação extra-humana e da indiferença da natureza em relação à espécie. Em outras palavras, a humanidade do ser humano reside justamente na sua capacidade de criar sistemas esferológicos imunologicamente eficientes contra o atravessamento das forças extra-humanas, cada vez mais crescentes na modernidade. A morte de Deus é a ruína de um dos mais poderosos sistemas imunológicos existentes. Mas isso em nada altera o processo antropológico, pois primeiro as ideologias, em seguida a ciência e depois a tecnologia acabaram assumindo a função de produtoras de novos sistemas de imunização para suprir o vácuo do sistema-Deus.

Essa translação de meios que definimos pelo nome de processo evolucionário ocorre a partir de unidades antropológicas. Inspirado nos biografemas de Barthes, nos mitemas de Lévi-Strauss e nos mitologemas de Jung, chamo essas unidades antropológicas de antropogemas. A es-

ferologia procura chegar à região pré-compreensiva e predeterminante (em termos heideggerianos) que fundamenta ontologicamente o humano, para além das visões bivalentes e monovalentes, dos dualismos e dos monismos da metafísica clássica ou das metafísicas da subjetividade e da objetividade que marcam a filosofia moderna. Afinal, em linhas gerais, boa parte do pensamento pós-metafísico no fundo persiste em estruturas conceituais de monismos materialistas-idealistas ou em concepções dualistas de inspiração kantiana ou racionalista.

Por isso, a leitura desestruturadora que Sloterdijk faz de Heidegger lhe confere um duplo salto. Ao mesmo tempo em que lhe fornece base de apoio a uma crítica radical da metafísica, Sloterdijk consegue se neutralizar das aporias do pensamento heideggeriano, justamente ao transformar a díade estrutural do *ser-aí* em uma díade relacional do *ser-com*. Desse modo, portanto, não há mais ser antes da relação. A região predeterminante originária deixa de ser a diferença ontológica heideggeriana e passa a ser a estrutura relacional interna à própria condição do ser. Desse modo, Sloterdijk ao mesmo tempo se impermeabiliza da metafísica da substância e de seu longo percurso aristotélico, bem como se blinda da criptometafísica heideggeriana, cuja reflexão sobre o ser não consegue superar o problema da *techne* ou sequer confere a devida importância que esse problema reivindica para si. Ao negar legitimidade à técnica por entendê-la como fim do processo entitativo, Heidegger criou uma das mais perigosas armadilhas que um filósofo pode criar para si: inviabilizou cadeias mediadoras de acesso às instâncias originárias do ser. Ao fazê-lo, tornou-se vítima dos paralogismos presentes nos mais contumazes idealismos, pois a estrutura proposicional de sua definição de ser traz em si inscrita a premissa de que esse acesso ao ser precisa ser não-mediado. Heidegger produziu assim uma necessidade implícita a seu sistema: situar ser e meio como categorias opostas. Essa premissa é a ruína da compreensão heideggeriana do vasto fenômeno da *techne*.

À medida que a técnica é a explicitação do meio como meio, a eclosão do ser sempre deve ser concebida de modo não-mediado. Ou seja: torna-se impossível uma articulação estrutural entre ser, pensamento e técnica sem se incorrer em uma entificação do ser. Por isso, como leitor de Heidegger antes de conhecer a obra de Sloterdijk, tenho cada vez mais a convicção de que a técnica é o ponto cego do pensar sibilino do mestre da *Floresta Negra*. Sloterdijk também teve essa intuição e decidiu incorporar o legado de Heidegger, desconstruindo-o à luz das potencialidades ocultas da técnica. E o fez mediante a dialética heideggeriana entre oclusão-desvelamento do ser. Entretanto, inverteu os vetores e deixou de pensar a emergência da era da técnica como esquecimento do ser. Pas-

sou a conceber *a manifestação do ser como uma instância mediada pela técnica*. Mais do que isso: a pensar a técnica como *princípio de domesticação* capaz de abrir a clareira meta-humana e antrópica por meio da qual o ser pôde se revelar. Nesse sentido, parafraseando um brilhante ensaio de Heidegger, o mundo não seria apenas a imagem do mundo, em uma das fascinogêneses meta-históricas do ser. O mundo é a possibilidade técnica de configurar o próprio mundo como imagem.

Nesse ponto se insere uma curiosidade e uma breve digressão. Sloterdijk nutre grande estima por um pensador poderoso: Vilém Flusser. Cita-o reiteradas vezes. A obra de Flusser pode ser situada a meio caminho entre as indagações ontológicas, renovadas por Hartmann e Heidegger, a fenomenologia e a filosofia analítica. É nesse lugar indecível que Flusser fez emergir sua magnífica filosofia da tecnologia, em uma obra traduzida em mais de vinte idiomas. Sou o organizador dos três volumes das obras completas de Vicente Ferreira da Silva, o maior filósofo brasileiro ao lado de Flusser. Ambos tiveram uma ruidosa e profunda amizade. Na minha opinião, sem demérito do belo trabalho de grandes exegetas de Heidegger, como Benedito Nunes, Ernildo Stein, Emmanuel Carneiro Leão, Vicente não é apenas o primeiro, mas também o mais criativo leitor de Heidegger no Brasil. Apenas quando tomei contato com Sloterdijk encontrei análises tão fecundas e imaginativas da obra de Heidegger quanto as realizadas por Vicente, no Brasil, nos anos 1940-50.

Ao estudar a obra de Vicente e conversando com especialistas em Flusser, noto que a interlocução e a fecundação mútua Vicente-Flusser foi maior do que se imagina. Vicente, como pensador da clareira do ser. Flusser, como pensador da técnica. Imagino que essa herança brasileira adquirida pelo judeu-tcheco Flusser contribuiu direta e indiretamente para que Sloterdijk empreendesse a sua reviravolta no interior do pensamento de Heidegger. Contudo, essas rotas migratórias e polinizações conceituais, como diria Deleuze, não deixam de ser irônicas. Ao ler diretamente Flusser, Sloterdijk leu indiretamente Vicente. E, por meio de Flusser, pôde reelaborar a obra heideggeriana, que fora reelaborada por Flusser via Vicente. Mediado por dois autores brasileiros (Flusser viveu trinta anos no Brasil), o alemão Sloterdijk pôde reler inventivamente outro alemão da dimensão de Heidegger. Esse é outro aspecto fascinante para se pensar o conjunto de mediações que os textos, ideias e autores sofrem em sua migração e deslocamento ao redor do mundo. Esse é um aspecto que a esferologia como ciência geral da visitabilidade de algo por algo em algo pode possibilitar ao próprio estudo da filosofia e à compreensão das migrações de textos, autores, obras e conceitos.

IHU On-Line – O homem, para Sloterdijk, é o animal que constitui esferas e que se apropria do mundo para torná-lo habitável. Como a visão do pensador se localiza na questão do antropocentrismo?

Rodrigo Petronio - Muito boa pergunta. E um pouco difícil de ser respondida. Há algumas definições da teoria das esferas dadas por Sloterdijk. Uma delas diz: esferas são criações espaciais imunologicamente efetivas para seres extáticos sobre os quais opera o exterior. Sloterdijk também é enfático ao propor que a teoria das esferas é uma teoria dos meios. Uma teoria dos meios pode ser entendida como uma ciência geral da visitabilidade de algo por algo em algo. É nesses termos que uma teoria das esferas e uma teoria dos meios convergem para um campo unificado. As primeiras comunidades humanas nada mais foram do que esferas inspiradas por agentes metaempíricos: deuses, espíritos, entidades, almas, demônios ou Deus. Estas foram as primeiras forças imunizadoras dos bandos e das hordas, pois conseguiram criar impermeabilidade esférica contra os bárbaros, ou seja, proteger o conhecido contra o desconhecido, o próprio contra o não-próprio, o interior contra o puro exterior. A passagem desse conglomerado de bolhas-hordas aos globos, ou seja, os primórdios mais remotos da acepção que Sloterdijk confere ao termo globalização, está intimamente ligada à tecnologia da escrita. Ela pôde unificar o que estava disperso e configurar um modelo de universalização formal da experiência por meio de uma redução da indeterminação dos subsistemas a um sistema global homogêneo. O declínio da eficácia desses sistemas-globos constitui a gênese da modernidade. Esta consiste na multiplicação de uma ubiquidade de centros emissores de sentido e, por conseguinte, em uma virtualização cada vez mais crescente da relação centro-circunferência no que diz respeito à estrutura do poder.

Nesses termos, existiram narrativas que produziram suplementos, no sentido de Derrida, para salvar a excentricidade estrutural humana. As primeiras dessas metanarrativas são as bolhas [Esferas-I], ou seja, as microesferas como primeiras formas que pretendem, no horizonte da cultura humana, reproduzir as relações de intensidade forte mantidas pelo ser humano no líquido amniótico da mãe. Mas é inevitável a fratura dessas bolhas. Mais do que isso, dentro da estrutura ontológica excêntrica do humano, apenas mediante uma ruptura e uma negatividade desses primeiros envoltórios a vida pode criar mecanismos imunológicos necessários para a sua própria configuração como vida. A positividade faz esferas e só pode existir mediante a incorporação da negatividade das antiesferas, a consistência de um sistema depende da capacidade de incorporar

antissistemas. Apenas mediante essa operação a imunologia se produz. Essa passagem das esferas às antiesferas exige que se produza uma homeostase. Esta consiste no metabolismo e na nova configuração vital-formal adquiridos mediante a desarticulação das primeiras emergências das formas (esferas-bolhas) e sua transferência para os modelos universalizados (esferas-globos), bem como em uma reconfiguração destas em formas flutuantes (esferas-espumas), após a sua dissolução morfológica. A dialética dessas três unidades morfogênicas e fenomenológicas se dá por meio de cesuras. Essas cesuras são o que Sloterdijk chama de catástrofes *esferológicas*.

A ruptura das bolhas lança os humanos no puro exterior. Para tanto, mediante o amor de transferência, força centrípeta e conceito nuclear na *esferologia*, o ser humano precisa deslocar e desdobrar a configuração *microesferológica* das bolhas para horizontes mais amplos. Ou seja: precisa projetar os globos [Esferas-II], que são sistemas *macroesferológicos* autopoieticos representados pelas metanarrativas das ontologias clássicas, da teologia e da psicopolítica metafísico-imperial. Os globos são todos os invólucros ontológicos que sustentam crenças e conceitos capazes de dotar de sentido a totalidade do universo e toda a hierarquia dos entes, sejam eles reais ou de razão, como diziam os escolásticos. Com o colapso dos mecanismos imunizadores dessas metanarrativas, temos a vigência do processo de explicitação a que chamamos modernidade, ou seja, descortina-se a *pluriesferologia* e a possibilidade de conceber o mundo como a soma de conjuntos incomensuráveis. Essa passagem foi descrita de modo brilhante por Alexandre Koyré em sua obra clássica, e encontra sua tradução *morfoesferológica* em Sloterdijk. Desse modo, o mundo passa a ser atravessado por um conceito cada vez mais presente nas ciências naturais: o *infinito*. A partir do infinito e mediante um movimento cada vez mais intenso de explicitação, o ser humano é cada vez mais eviscerado em direção ao puro Exterior. Esse movimento encontra sua homeostase em uma contínua negação dessa exterioridade por meio da produção de agregados, associações e organismos flutuantes que podem ser descritos por meio de uma morfologia das espumas [Esferas-III].

Tendo em vista que as esferas são uma morfologia e uma fenomenologia da infinitude incomensurável desses meios circundantes [*Umwelten*], o ser humano é um animal indecível. Está simultaneamente dentro e fora do mundo. Habita esferas que o humanizam. Mas estas são estruturas radicalmente diádicas, situadas em um limiar ontológico interior-exterior que nunca se resolve em unidade. Nesse sentido, a natureza do ser humano e a sua humanidade mesma nunca lhe são próprias. São-lhe

sempre adventícias. Estão sempre em constante emergência. Estão sempre em vias de se realizar, à medida que ele é capaz de interiorizar o exterior em uma dinâmica de esferas. Interiorizar o exterior é produzir uma esfera e assim assegurar a humanidade do ser humano. Contudo, apenas mediante o contato com a negatividade do exterior, o interior é capaz de produzir sistemas imunológicos, ou seja, é capaz de prosseguir sendo uma pura positividade ontológica da díade interior-exterior. Em outras palavras: pode continuar sendo uma esfera. Por isso, reforçando o que disse, pois esse é um ponto nodal, a tônica antropológica que permeia o projeto *Esferas* se baseia em uma concepção extática do ser humano. Ela está presente em Schelling, mas Sloterdijk a tomou diretamente de Heidegger e também de Nietzsche. Em uma acepção bioantrópica, essa condição extática [*ek-sistere*], fora da permanência-substância, encontra uma analogia possível com o axioma da posicionalidade de Helmut Plessner: o ser humano é um animal excêntrico.

A esferologia se encontra nesse sentido muito além das axiologias conservadoras e neoconservadoras, bem como dos discursos devedores de uma nostalgia romântica. Nada mais alheio à esferologia do que discursos que associam a modernidade a uma perda do centro, de Deus ou dos valores humanos. Isso porque Sloterdijk pensa o ser humano exatamente como um animal enraizado em uma experiência predeterminada de excentricidade. A excentricidade, sob esse ponto de vista, não é nada mais do que a chancela com a qual se inscreve a humanidade do ser humano no momento mesmo de sua vinda ao mundo. Ou seja: quando nós, em nossa condição de mamíferos, abandonamos a pura interioridade do ser uterino materno e nos posicionamos diante do Exterior. Contudo, e nesse ponto a abordagem sistêmica de Luhmann lhe é nuclear, todo sistema possui uma natureza autopoietica. A essência de todo sistema consiste em passar da indeterminação à determinação. Por isso, justamente porque o descentramento é constitutivo da humanidade do ser humano, a odisseia do *sapiens* consiste em um *deslocamento infinito* dessa excentricidade estrutural indeterminada em novas configurações de esferas e de sistemas de imunização e de determinação antrópica. Essa *odisseia de deslocamentos, configurações e reconfigurações* de uma excentricidade predeterminante é a totalidade do que chamamos de cultura humana ou civilização.

A partir desse modelo imunológico, podemos entender que a esferologia concebe todas as determinações humanas como emergências de um horizonte meta-humano. Paradoxalmente, a ação excêntrica das forças meta-humanas não atua sobre o ser humano retirando-o de sua humanidade, mas justamente o contrário. Desempenha a função de agentes

externos necessários à própria conformação imunológica e ontológica do sistema-humano. *Levam-no a metabolizar essa ação externa em suas criações domesticadoras-imunizadoras.* Ao fazê-lo, inserem-no propriamente no que podemos chamar de *devir da hominização*. Nesse sentido, especificando a resposta à sua pergunta, podemos dizer que para a teoria das esferas o antropocentrismo é impossível. Mais especificamente, nesse quadro teórico, o antropocentrismo seria possível apenas como ilusão cinética, conceito importante, presente embrionariamente na *Crítica da razão crítica*, depois desenvolvido por Sloterdijk em *Mobilização infinita e em Estranhamento do mundo*. A ilusão cinética é uma variante de sua concepção de ontologia cinética. Esta seria um modo de deslocamento [*metoikosis*] de determinadas formas. Esse deslocamento sugere uma transformação de substância, mas ao mesmo tempo preserva a forma anterior da substância em sua migração para novas formas diferentes.

Em que sentido o antropocentrismo pode ser compreendido nessa chave? Ele seria um meio pelo qual o ser humano anula as camadas mediadoras-imunizadoras no interior do qual os humanos surgem como pura excentricidade. Mediante essa anulação, o ser humano passaria cineticamente a acreditar em sua autossuficiência ontológica. Em outras palavras: o antropocentrismo seria apenas uma narrativa de sentido que produz autoimagens do ser humano, antropogemas, como eu mencionei, pressupondo que essas autoimagens correspondam a uma estabilidade de sua substância e a uma autossuficiência ontológica de sua humanidade. Como fica claro de acordo com o exposto acima, essa *miragem de autossuficiência* seria uma tentativa de conferir um sentido humano próprio a uma humanidade que nos é sempre e eternamente derivada. Seria uma tentativa de dotar a instabilidade ontológica humana de um fundamento. Seria um modo de transformar a instabilidade ontológica das esferas em algo que possa ser chamado de natureza humana. Seria, por fim, uma tentativa de encontrar o começo ou o fim inacessíveis do infinito processo de deslocamentos e de *metoikosis* de esferas em que consiste a vida, e no interior do qual o ser humano é um mero mediador. Em outras palavras, *o antropocentrismo é uma tentativa de negar a condição excêntrica estrutural que nos determina como espécie*.

Entretanto, chamo a atenção para o seguinte ponto: não podemos lidar aqui com a polarização antropocentrismo-teocentrismo. Quero dizer: negar a viabilidade ontológica do antropocentrismo não leva Sloterdijk a postular Deus como necessidade lógica, diante da falência dos meios imanentes de acesso à autonomia humana. Para a esferologia, Deus é apenas mais uma das metanarrativas metafísico-imperiais pré-modernas que conferem um fundamento, uma substância ou um sentido à experiên-

cia da excentricidade humana. Trata-se de uma das mais poderosas metanarrativas da humanidade, se pensarmos o sistema-Deus como uma poderosa força imunizadora. Contudo, a morte de Deus, bem como os inúmeros desdobramentos que essa morte produziu nas sociedades pós-metafísicas, não são nem positivos nem negativos. Tampouco estão inscritos em princípios de causalidade e de necessidade, sejam eles indutivos ou dedutivos.

Em termos esferológicos, a morte de Deus apenas conduziu o animal humano a produzir novas formas de imunização. Colocou-o face a face diante da experiência cada vez mais aguda de excentricidade, produzida por um crescente processo de explicitação e pelo êxodo cada vez mais veloz do ser humano rumo a um universo que cada vez mais se apresenta como um Exterior absolutamente vazio e sem sentido. Se o antropocentrismo é inviável, pois a autoimagem do ser humano é apenas uma ficção, uma figuração mediada no interior de uma cadeia excêntrica de imagens e emaranhada em uma caixa de infinitas ressonâncias esféricas, o mesmo ocorre para o conceito de teocentrismo. Nem Deus nem o homem podem ser centro de nada. Para que isso ocorra, seria preciso conceber cada um deles como uma unidade. E conceber Deus ou o homem ou qualquer outro ser como unidade é absolutamente impossível para esferologia, pois para a esferologia tudo o que existe apenas existe como derivado da categoria *relação*. *Existência e relação são exatamente o mesmo*. Mais do que isso: à luz da esferologia, dizer que a existência é relação é uma tautologia.

IHU On-Line – Sloterdijk afirma que a história do humanismo é a história da domesticação e da criação de saberes. Em que esta proposta converge e diverge do pensamento de Foucault?

Rodrigo Petronio - Para esta pergunta, proponho um breve excursus. Uma boa entrada preliminar para as mais de duas mil páginas de *Esferas* é o breve livro *No mesmo barco*. Nesta obra, Sloterdijk realiza algo semelhante a um plano-piloto da esferologia, mas analisando a divisão das esferas de um ponto de vista político e extremamente sucinto. Na descrição da esferologia temos a microesfera das bolhas [Esferas-I], a macroesfera dos globos [Esferas-II] e a pluriesfera das espumas [Esferas-III]. Em *No mesmo barco*, essas três morfologias, pois são mais caracterizações fenomenológicas de formas do que uma cronologia de etapas, assumem os nomes de paleopolítica, políticas imperiais e a hiperpolítica. A paleopolítica é a estrutura das hordas da pré e da proto-história, o modo

microesférico pelo qual os pequenos grupos produziram relações fortes de intimidade e mantiveram a coesão social.

Em diversos momentos, o *sapiens* desempenha esse modelo morfológico. A emergência do rosto humano em termos evolucionários e a definição protrátil da face humana é descrita em conjunção com a formação das primeiras representações figurativas das vênus de Willendorf e de Hohle Fels [Esferas-I]. Contudo, em um mundo cada vez mais sintético e artificial, a emergência das ilhas antropogênicas nas quais há o surgimento de modos relacionais do *sapiens* prossegue em seu devir. Podemos entender alguns modelos de arquitetura, como a de Buckminster Fuller, e a própria ciência da astronáutica e das navegações espaciais, como novas gênesis de ilhas antrópicas, semelhantes àquelas que originaram as primeiras associações humanas que apenas muito recentemente passamos a chamar pelo equivocado nome de sociedade [Esferas-III].

Faço esse preâmbulo não para recuar diante da pergunta, mas justamente para adentrá-la em seu núcleo. Tendo em vista que essas configurações formais sempre se relacionam como modos de vida, na acepção clássica de Pierre Hadot, Foucault é um autor bastante importante para Sloterdijk. E o é à medida que ambos pensam as tecnologias de produção do real como a própria mensagem ambivalente do real. O conceito de dispositivo desenvolvido por Foucault, semelhante à sua concepção paradoxal da estrutura do poder, pressupõe que o poder se manifesta justamente onde os sujeitos pretendem deslocar ou ocultar as formas de sua manifestação. Exemplos dessa leitura estão muito próximos da lógica do duplo vínculo [*double bind*] cínico desenvolvido em *Crítica da razão cínica* e dos espaços transicionais desenvolvidos em *Esferas*, nos quais o problema milenar sujeito-objeto ganha finalmente uma de suas primeiras formulações de fato não dualista. Como se sabe, uma das brilhantes descobertas de Foucault foi o estabelecimento da relação saber-poder. Por meio dela, desconstruiu a ordem dos metadiscursos axiológicos, doadores de legitimidade e de sentido, colocando-os em paridade com discursos e práticas discursivas marginais nos diversos âmbitos das chamadas ciências humanas, fossem eles oriundos do universo penitenciário, criminal, médico, sexual, jurídico, religioso, filosófico, teológico ou científico.

Em todos esses casos, os mesmos padrões normativos de produção de poder podem ser capturados justo onde menos se espera, ou seja, inclusive naquelas organizações discursivas que se pretendiam transgressoras ou que se colocavam como o avesso das normas vigentes em cada configuração epistêmica. Esse gesto é muito semelhante ao de Sloterdijk. Sobretudo quando este, a partir de uma acepção antropológicamente positiva de despesa [*potlatch*], desenvolvida por George Bataille e

Marcel Mauss, situa as desonerações libidinais, a capitalização da violência e a canalização psicopolítica da ira não como um movimento de destruição, mas como o eixo estruturante da civilização [*Ira e tempo*]. Por fim, em relação à sexualidade, absolutamente marginalizada no pensamento ocidental, para a qual Foucault manteve sempre uma escuta atenta e à qual conferiu a devida centralidade, Sloterdijk também deu suas contribuições. A sexualidade e a liberação sexual aparecem tanto em *Crítica da razão cínica* quanto nos capítulos finais de *Esferas* [Esferas-III] como a culminação do movimento antrópico de desoneração e de desinibição, marcantes em todas as sociedades da opulência [*affluent society*], como John Kenneth Galbraith caracteriza a sociedade contemporânea.

Contudo, há um ponto onde o pensamento de Foucault e Sloterdijk se distanciam bastante. Pode-se dizer que Foucault se dedica mais a análises microfísicas e às microestruturas narrativas, com o intuito de capturar as fímbrias das relações de poder. Sloterdijk, por seu lado, busca os grandes enquadramentos, as narrativas macroestruturais e com a esferologia, em certo sentido, até mesmo repropõe a viabilidade de uma metanarrativa no mundo contemporâneo. Essa distinção torna-se mais clara a partir de um conceito sloterdijkiano: a *cesura*. A cesura é um corte qualitativo. Um evento realmente significativo que produz uma descontinuidade efetiva na gigantesca continuidade das invariáveis antropológicas. A cesura se diferencia daquilo que Foucault chama de epistême. Para a epistême, a descontinuidade está sempre pressuposta, pois o pensador francês pretende por meio dela demonstrar como as diversas determinações discursivas de cada período marcaram as diferentes condições de possibilidade de poder-saber desses mesmos períodos. Os cortes epistêmicos exigem alguma relação com a historicidade e a diacronia das formas de poder-saber em questão.

Isso demonstra que mesmo tendo se distanciado do estruturalismo, Foucault continuou muito marcado pelos métodos historiográficos. Nesse sentido, a genealogia e a arqueologia desenvolvidas por Foucault podem ser vistas como uma descrição de sucessões epistêmicas de formas de saber-poder e de suas sucessivas descontinuidades. Ao passo que a obra de Sloterdijk, tanto na esferologia quanto nas demais abordagens, sempre produz uma descrição fenomenológica dos espaços e das formas de vida, em busca de suas poucas e milenares cesuras.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Rodrigo Petronio - À guisa de finalização, deixo um relato pessoal. Para mim a obra de Sloterdijk tem sido um alimento cotidiano e uma fonte

inesgotável de inspiração. Além disso, estou no presente momento trabalhando em uma teoria intitulada *mesologia*. Trata-se da tentativa de formular uma teoria geral dos *meios-mesons*, fundamentada em uma *ontologia relacional*. Parto do conceito de *meson* na física para estabelecer a distinção-identidade entre um meio-mediador e um meio-envolvente. Essa teoria pretende atuar no campo de imanência dos conceitos e na intersecção de diversos campos do conhecimento, pois também é uma filosofia das formas, à medida que o meio não é uma relação entre duas unidades, mas a forma insubstancial que possibilita a manifestação do real como real.

Pretendo desenvolvê-la em sentidos distintos aos sentidos empregados por Sloterdijk na construção do projeto *Esferas*. Mesmo porque meu diálogo com as ciências naturais será muito mais intenso do que o realizado na *esferologia*. Uma das maiores dificuldades que estou enfrentando é demarcar um limite entre a *mesologia* e a obra e o pensamento omnívoros de Sloterdijk. Tanto que, ao longo desta entrevista, por mais que tenha me forçado a ser um mediador isento de seu pensamento, em alguns momentos acabo sempre me misturando a ele e fornecendo a minha própria leitura das questões por ele desenvolvidas. Espero que esse embate com seu pensamento potencialize tanto a compreensão que tenho de sua obra quanto me emancipe para trilhar caminhos que eu aprendi com a vida e com muitos autores. Entretanto, não posso negar que a obra de Sloterdijk foi para mim um dos grandes agentes aglutinadores de muitos anos, talvez de duas décadas de leituras. Ela foi para mim um espelho que me iluminou para conexões de muitos interesses meus que pareciam distantes ou desconexos entre si antes de eu tomar ciência de sua obra.

Essa obra, no presente momento e a partir de contas imprecisas, deve ultrapassar as cinco mil páginas. A partir de um mapeamento criterioso da filosofia contemporânea em suas diversas correntes, seria necessário cotejar seus principais núcleos irradiadores com as obras de outros pensadores para avaliar de fato qual a originalidade e o futuro de sua contribuição. Entretanto, tendo em vista alguns pontos que salientei, creio que a importância de seu nome para o pensamento deste começo do século XXI seja incontestável. Mais do que isso: sinto que sua influência e atualidade sejam cada vez mais crescentes. E isso é visível não apenas nas conexões de seu pensamento com outras áreas do conhecimento, mas na conexão que ele estabelece também com diversas esferas práticas da vida e do mundo atuais.

Esses desdobramentos podem ser identificados em algumas esferas centrais da modernidade e do mundo contemporâneo, tais como sexualidade, globalização, geopolítica, cultura e o impacto que os milhares de

agentes tecnológicos exerceram no último século sobre o castelo humanista, conduzindo-o à ruína. No fundo, Sloterdijk apenas procura algumas chaves de compreensão para esse atormentado animal humano que ainda luta contra suas próprias sombras projetadas nas cavernas, para usar a bela metáfora de Hans Blumenberg. A partir de Sloterdijk talvez consigamos compreender que a falência do projeto moderno, entendido em termos unilaterais como uma teleologia da emancipação, bem como a ruína do humanismo, não foram necessariamente perdas. Elas podem se transformar no exercício cotidiano e sereno daquela alegria trágica de que falava Nietzsche. E quem sabe sobre essa ruína possamos viver o futuro de uma promissora e poderosa liberdade.



Rodrigo Petronio. Escritor e filósofo, atua na fronteira entre literatura, comunicação e filosofia. Autor, organizador e editor de diversas obras. Professor Titular da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP. Doutor pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ.

Desenvolveu doutorado sanduíche como bolsista Capes na Stanford University, sob orientação de Hans Ulrich Gumbrecht. Formado em Letras Clássicas (USP), tem dois Mestrados: em Ciência da Religião (PUC-SP), sobre o filósofo contemporâneo Peter Sloterdijk, e em Literatura Comparada (UERJ), sobre literatura e filosofia na Renascença.

Pesquisador associado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - TIDD (PUC-SP), onde desenvolveu uma pesquisa de pós-doutorado sobre a cosmologia de Alfred North Whitehead. Membro do grupo de pesquisa TransObjetos do TIDD/PUC-SP (2017-).

Organizador dos três volumes das Obras Completas do filósofo brasileiro Vicente Ferreira da Silva (Editora É, 2010-2012). Divide com Rodrigo Maltez Novaes a coordenação editorial das Obras Completas do filósofo Vilém Flusser pela Editora É, que prevê a publicação dos primeiros vinte títulos entre 2018-2021.

Coorganizador com Clarissa De Franco do livro *Crença e Evidência: Aproximações e Controvérsias entre Religião e Teoria Evolucionária no Pensamento Contemporâneo* (Unisinos, 2014), conjunto de artigos acadêmicos de professores brasileiros e estrangeiros sobre as relações entre ateísmo, religião e darwinismo.

Entrevistas com Rodrigo Petronio realizadas pelo IHU

[Gaia, Antropoceno e natureza: três conceitos para compreender a transição em curso. Entrevista especial com Rodrigo Petronio](#)

[Vilém Flusser. Um existencialismo mediado. Entrevista especial com Rodrigo Petronio](#)

Notícias com Rodrigo Petronio publicadas no IHU

[Decálogo: o mistério que tudo abraça e não se deixa reduzir à certeza de um computador Equívocos Humanos](#)

[A Árvore da Vida: o apelo desesperado da espécie humana pela graça, pela delicadeza, pela cortesia](#)

[Pesquisador defende que a tecnologia está matando a política](#)

Publicações de Rodrigo Petronio no IHU

[Niilismo. A matéria-prima das religiões do futuro. Entrevista especial com Rodrigo Petronio. Revista IHU On-Line, Nº. 412](#)

Eventos com Rodrigo Petronio no IHU

O texto e a rede: Latour e suas referências

Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno

Filmes em perspectiva: A árvore da vida de Terence Malick (2011)

Filmes em perspectiva: Decálogo, de Krzysztof Kieslowski (1989)

Filmes em perspectiva: Melancolia, de Laars von Trier (2011)

Filmes em perspectiva: Asas do desejo, de Win Wenders (1987)

Filmes em perspectiva: Morangos silvestres, de Ingmar Bergman (1957)

Filmes em perspectiva: Violência e Paixão, de Luchino Visconti (1974)

Filmes em perspectiva: Gosto de Cereja, de Abbas Kiarostami (1997)

Filmes em perspectiva: A grande beleza, de Paolo Sorrentino (2013)

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilip
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Gaciócia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos* – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay* – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Viências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoece: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke

- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: Iendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatémica* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mari-nês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Cortêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Cande-do de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baito
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Solje-nitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borja da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta

- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lokmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schütz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como a lei es como a serpente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariê Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach

- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrantes-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Liberdade* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Humet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *Os poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filardi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsumção do trabalho ao capital: rumo à subsumção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Díaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneilson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Vigida: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakoozi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Kamy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais globalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
- N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villaseñor
- N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
- N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acauam Oliveira

- N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
- N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atílio Machado Peppe
- N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
- N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
- N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
- N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
- N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
- N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
- N. 285 *Isabelle Stengers. No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 *O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço* – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 *A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk* – Itamar Soares Veiga
- N. 288 *Para arejar a cúpula do judiciário* – Fábio Konder Comparato
- N. 289 *A Nova Providência via de transformação estrutural da segurança social brasileira* – Mari-linda Marques Fernandes
- N. 290 *A Universidade em busca de um novo tempo* – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 *Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo* – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 *As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras* – Aloir Pacini
- N. 293 *Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus* – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 *O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî* – Faustino Teixeira
- N. 295 *Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer* – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 *O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade* – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 *Escatologias tecnopolíticas contemporâneas* – Ednei Genaro
- N. 298 *Narrativa de uma Travessia* – Faustino Teixeira
- N. 299 *Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver* – Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 *Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução científica na análise econômica* – Armando de Melo Lisboa
- N. 301 *Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular* – Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 *Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas* – Renata Tomaz
- N. 303 *A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre* – Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 *Ártico, o canário da mina para o aquecimento global* – Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 *A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa* – Aline Weschenfelder
- N. 306 *Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas* – Rosana Batista Almeida
- N. 307 *História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança* – Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 *Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martin-Baró, Ricoeur e Nietzsche* – Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 *Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental* – Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 *A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo* – Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 *Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica* – Faustino Teixeira
- N. 312 *O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio* – Paulo Abe
- N. 313 *Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro* – José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 *Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas* – Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 *Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura* – Alexandre Alves
- N. 316 *"Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno* – Nicole Soares Pinto
- N. 317 *A chacinagem dos chiquitanos* – Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 *Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios* – Matteo Raschiatti
- N. 319 *Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados* – Alenice Baeta
- N. 320 *Pindó Poty é Guarani!* – Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini



UNISINOS